

VISITA À ÁREA INDÍGENA CINTA LARGAARIPUANÁ - MTData: 19 e 20 de julho de 1991.

Antecedentes: Nós havíamos feito um planejamento de visitar e permanecer na Área Indígena entre os dias 10 e 20 de julho tendo em vista um trabalho conjunto de educação em 1992 e por enquanto ir conhecendo a realidade. Porém as férias de Solange iniciaram apenas dia 15 devido à greve. Lourdes tratou o assunto com os caciques da área e os detalhes mais com Parakida, porque tínhamos intenção de conhecer a aldeia dele e as outras próximas, já que no Ouro Preto há muitos garimpeiros. Aconteceu que de 12 a 14 os caciques foram observar a Área nas cabeceiras do Rio Branco e ouviram muitas mot-serras, um trator, um caminhão e peões na área. Os índios fizeram novos planos frustrando os nossos.

Dia 16, Parakida deveria vir para encontrar e conhecer Solange. Mas isto não aconteceu. Eles estavam ocupados com os seus problemas. Ficamos refletindo em suas palavras: "O branco invadiu a minha área, o branco entrou na reserva sem falar com índio. Branco tem que morrer, depois branco chora. Na 5ª feira nós vamos até lá matar todos." Tínhamos também fé de que poderiam mudar o rumo dos acontecimentos já que houve a possibilidade do diálogo.

Com a chegada de Solange fomos à casa do índio do Mangueiral. Encontramos mulheres e crianças. Informações obtidas:

- que as lideranças: Naki, José Lopes, Ita, Capitão Parakida e o irmão viajaram à Brasília;
- que foram ver negócio de madeira.

Dia 17/07: Uma pessoa do Grupo de Apoio ao Índio informou que um tal "Gauchinho" trabalhava para o madeireiro Bruno seu parente. Por acaso estava na cidade com malária. Fomos visitá-lo. Começamos a conversa sobre os limites da Área Indígena e mapas correspondentes. Descobertas feitas:

- Bruno, reside em Juina, próximo à DERMAT, tem trânsito livre no INTERMAT, é proprietário de terra perto da Vila Cidade Morena, onde tem 130 alqueires derrubados e nesta temporada, irá derrubar mais 118.
- Documentou e vendeu lotes na região do Rio Lontra a Ademar Pegoretti, atual proprietário da Indústria e Comércio de Madeiras Aripuana antiga POMA-NORTE. Atualmente Bruno está à serviço desta firma extraíndo madeira.
- Na oportunidade do negócio acima, a firma HERNEK estava grilando madeira nessa área e pela justiça teve que entregar a Bruno 390 m³ (trezentos m³) de madeira, - mogno, já explandados.
- Pegoretti tem firma de Construção civil em Campo Grande. Tem plano de instalar marcenaria e todo beneficiamento de madeira com 400 operários. Por ora funciona apenas a serralha, mas há poucos dias chegaram duas escârias com vários tipos de máquinas.
- Tem financiamento do Banco do Brasil.
- Dr Joaquim, médico de Juina, tem terra nessa região; como também Mário Elásius da Tipografia Aquários.
- Chico tinha uma área e vendeu pra Djúnior;
- Maneco tem 1.000 ha. (Posteriormente soubemos que Bruno ainda tem 24mil ha e está atralalhando a vinda do pessoal da A.I. Zorro).

18/07/91: Viagem à aldeia indígena próximo ao Garimpo Ouro Preto - local do P.I. da FUNAI

Saimos às 12 hs juntamente com o garimpeiro José. Viajaram junto: Renato Cinta Larga que estava hospedado em casa de José, alguns peões, um índio Arara e um homem loiro.

Continuação: Relatório Visita à A.I.
Aripuanã

Este último foi com o objetivo de pesquisar minério em local de nome "Espingarda" à 8 km de distância da aldeia do Ouro Preto.

A viagem foi tranquila, as estradas muito emburacadas, José foi nos contando que é muito amigo dos índios e que eles o respeitam muito. No caminho à uma certa altura, demos carona para um senhor já de idade, e segundo José, ele é pesquisador de madeira. POREM JÁ NO CAMINHO VIMOS TORAS DE CEREJEIRA CORTADAS. Foi nos contado que Goiano está autorizado por Naki para trabalhar ali.

Chegamos na aldeia ou melhor acampamento de Naki. É um local escolhido para uma nova aldeia. Estavam apenas mulheres e crianças. Estão começando a construir. Verificamos que seus mantimentos estavam escassos. Vimos também que em volta do barraco já estava roçado e que, segundo José, há plano de fazer roça.

Continuamos nossa viagem, mais adiante notamos que haviam derrubado uma árvore - cerejeira - e estava difícil a passagem. Nesse mesmo tempo, encontramos um toyota. Era Antônio Queiróz. Percebemos que o motorista estava armado. José parou e reclamou sobre a estrada que está em péssimas condições. Ele acha que os Queróz deveriam melhorá-la, pois tem trator.

Chegamos na aldeia por volta das 16,00hs. José nos acompanhou a visitar todas as máquinas que lá se encontravam. Fomos em quase todos os barracos que eram 10. Uma das coisas mais tristes que vimos, foi que ali mesmo, era antes uma ladeira Cinta Larga, agora se resume em casas caindo aos pedaços, pouquíssimos índios passando fome, e vários índios e brancos com malária. Pernoitamos na escola ou melhor o lugar onde era uma escola, jantamos com garimpeiros, e conversamos com eles.

No outro dia nos levantamos cedo por volta das 6,30 hs. Os índios racharam lenha e fizeram uma fogueira. Ficaram ao redor se aquecendo e conversando. Juntamo-nos a eles. Depois de um certo tempo fomos tomar café no barraco do José e ainda fomos visitar mais algumas dragas. Visitamos também uma maloca onde conversamos com as índias. Porém, são muito reservadas. Conhecemos as duas mulheres do Cacique Capitão Maria e Dadá. As duas estão com crianças novas, e por sinal da mesma idade. Uma índia de nome Lucimar estava lá e conversou bastante conosco. Ela nos disse que veio para trabalhar no garimpo e iria cozinhar para os garimpeiros da draga de Alfredo, seu marido.

Uma coisa interessante foi que Marcelo Cinta Larga de 10 anos que está em poder de José, por ser órfão de mãe e está apenas alguns meses fora da aldeia, nos acompanhou em quase todos os lugares. Marcelo é muito esperto, porém já sente necessidade de viver só com os brancos e infelizmente já sente vergonha de ser índio. Conforme a opinião de José quando crescer Marcelo será o cacique da tribo, pois ele é filho de um cacique.

Almoçamos e retomamos a viagem de volta, com muito mais rapidez do que na ida. Saimos às 12,00 hs e vieram conosco duas índias com seus filhos. Desembarcaram na aldeia de Naki que fica no caminho. Veio também junto um índio que estava com malária.

No caminho encontramos dois homens que estavam sentados à beira da estrada, e estavam com moto-serras. José parou e conversou com eles. Pediram que trouxesse óleo "2 tempos" e gasolina para que pudessem continuar os trabalhos.

Continuação: Relatório da Visita à A.I.
Aripuanã.

Ficamos muito curiosas com este fato e depois José nos explicou que aqueles homens estavam derrubando madeira com ordem do Naki e que não são de Aripuanã. Disse também que o "Goiano tinha deixado dinheiro com ele para que comprasse o que esses homens precisassem e que estes só estavam derrubando, não havendo estrada nenhuma para transportar.

Paramos novamente na aldeia de Naki e deixamos as duas índias que estavam vindo conosco. Lá já havia vários índios. José foi muito bem recebido por eles. Aproveitaram para encomendar açúcar, farinha, etc. Este prometeu trazer tudo naquela mesma noite. Pelo caminho José nos contou que traz esses mantimentos com seu próprio dinheiro e que não recebe nada em troca, e que ele é um dos únicos que paga a porcentagem certa do ouro, ⁰⁴ seja, 20 gramas por draga.

Chegamos em Aripuanã por volta das 16,00 hs, porém com mais dúvidas ainda: - qual a verdadeira intenção do José? - Por que os índios deram autorização para tirar madeira? - Por que passam fome se o Ouro Preto é rico em Ouro? - Porque eles são passados para trás e ninguém diz nada? - Ninguém denuncia?

Conclusão: Percebe-se claramente que o povo está sendo destruído, e isto é grave;

- Os índios não estão conseguindo administrar o garimpo e estão sendo enganados;
- Constatamos que estão funcionando 20 máquinas de 07 donos diferentes. Se cada um pagasse as 20 gr de ouro mensais, dariam total de Cz\$1.440,000,00 (um milhão e quatrocentos e quarenta mil cruzeiros) sem contar as duas dragas dos índios e é evidente que esse dinheiro não entra. Os donos das dragas só queixam que não dá nada. No entanto, há ouro, pois constatamos pelas despescas que foram feitas quando lá estivemos.

Aripuanã, 23 de julho de 1991.

Indigenistas do CIMI - Regional RO

Solange Ferreira Alves
Francis Cabral